



AS PONDERAÇÕES DAS DOCENTES ORIENTADORAS ACERCA DO PRP COMO FACILITADOR DA APRENDIZAGEM

MORAIS, Maria Lúcia Lima de¹
FREITAS, Inalda Maria Duarte de²

RESUMO: Esta pesquisa é concernente às ponderações das docentes orientadoras do Programa Residência Pedagógica. O objetivo central é discorrer sobre as vivências das Docentes Orientadoras no PRP, focando os aspectos que o torna facilitador da aprendizagem. A execução desta pesquisa tem como norte a investigação bibliográfica, observação participante caracterizando o aspecto qualitativo, os depoimentos tanto dos residentes quanto dos preceptores, e ainda, o próprio contato das pesquisadoras com esses dois segmentos do programa. As percepções dos participantes e os estudos dos teóricos mostraram a evolução de cada um dentro do processo de ensino e aprendizagem. Ao término do texto fica evidente que a atuação das docentes orientadoras pesquisadoras foi exitosa para elas e para os demais envolvidos.

Palavras-chave: Universidade; Educação Básica; Teoria; Prática.

INTRODUÇÃO

Este estudo se refere ao Programa Residência Pedagógica (PRP) e expõe as vivências das Docentes Orientadoras durante o desenvolvimento do programa. A docência requer preparo teórico e prático para poder exercer sua real função, que é a promoção da aprendizagem. O PRP vem com esse propósito oferecendo esse engajamento entre as instituições de ensino, para que elas possam melhorar o desempenho de seus sujeitos.

O Docente Orientador participa de uma das instâncias do programa que articula as ações desenvolvidas pelos preceptores e residentes, possibilitando que o planejamento seja bem executado. A sua responsabilidade é justamente instigar os residentes a buscarem novas práticas e, assim, suprir as necessidades constatadas na escola-campo.

¹ Formação/atuação profissional: Professora Auxiliar do Curso de Letras Português/Francês da Universidade Estadual de Alagoas/UNEAL, Especialista em Gestão Educacional pela Universidade Federal da Bahia/UFBA, Docente Orientador, Colaborador, Programa Residência Pedagógica, IFRO, Campus I – Arapiraca, marialucia.morais@uneal.edu.br.

² Formação/atuação profissional: Professora Titular, Doutora em Ciências da Educação pela Universidad de Asunción/Paraguay e Universidad de Jeán/España – revalidado pela Universidade Federal de Alagoas/UFAL, Professor de Estágio, Docente Orientador, Bolsista, Programa Residência Pedagógica, IFRO, Campus I – Arapiraca, inalda@uneal.edu.br.

O objetivo dessa pesquisa é discorrer sobre as vivências das Docentes Orientadoras no PRP focando os aspectos que o torna facilitador da aprendizagem, o qual está atrelado aos objetivos específicos que seguem: relatar a atuação dos residentes, explicitando suas perspectivas e possibilidades; expor os pontos de vista dos Docentes Orientadores, enfatizando suas análises e ponderações; descrever as experiências das Docentes Orientadoras nas três edições do Programa.

METODOLOGIA

A execução desta pesquisa foi direcionada para a investigação bibliográfica, e observação participante caracterizando o aspecto qualitativo, os depoimentos dos residentes e preceptores, bem como, o próprio contato das pesquisadoras com esses dois segmentos do programa uma vez que elas participaram ativamente do desenvolvimento de todas (3) as edições ofertadas pela Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL/ AL.

As experiências foram relatadas durante as reuniões realizadas com residentes e preceptores, de modo que a cada oportunidade as Docentes Orientadoras ficavam interadas da realização das atividades programadas.

RESULTADO E DISCUSSÃO

A RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA E A ATUAÇÃO DOS RESIDENTES

A Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL/AL implantou o Programa Residência Pedagógica PRP desde a sua primeira edição em 2018, desde então as Docentes Orientadoras participaram ativamente do programa. É interessante destacar que uma das pesquisadoras atuou como colaboradora em parceria com a Docente Orientadora titular do subprojeto. Durante todos esses anos foi possível observar os impactos positivos que o PRP promoveu tanto para os licenciandos quanto para os alunos da Educação Básica. Isso é fato concreto que se materializa na fala e nas atitudes desses dois sujeitos que vivenciaram as experiências e aprendizagens ao longo dos subprojetos.

Na visão dos residentes, o PRP foi fundamental como experiência profissional, principalmente, por propiciar o convívio de sala de aula durante um período

prolongado o qual possibilita: a formação para atuação em sala de aula, a expectativa de vivenciar na prática as teorias aprendidas na universidade, a ressignificação das práticas pedagógicas e a atuação do residente como educador.

Nessa perspectiva, eles tiveram a oportunidade de vivenciar o chão da escola aprimorando seu conhecimento a partir da convivência com um professor com experiência comprovada, que é o preceptor. Outro aspecto importante foi que, estando em sala de aula ele estudou e pesquisou não só o conteúdo a ser ensinado, mas também metodologias que podiam ajudar a sanar ou minimizar as deficiências apresentadas pelos alunos. Isso ficou muito patente nos posicionamentos dos acadêmicos nas reuniões que realizamos. Segundo eles depois do Residência se sentiram mais seguros para enfrentar o ambiente escolar, pois em outros momentos como o estágio, por exemplo, foi um choque de realidade uma vez que a imagem da escola passada pela universidade não condizia com a encontrada na realidade.

Diante desses argumentos eles reforçaram a importância das políticas públicas de incentivo à docência para os universitários, pois, apenas as aulas da graduação não os preparam para a vivência escolar. Eles também enfatizaram as vantagens para os alunos da Educação Básica, considerando que às vezes o professor preceptor tem uma metodologia mais tradicional e quando eles propuseram atividades dinâmicas os estudantes responderam com entusiasmo.

Essa assertiva corrobora o raciocínio de Santana e Barbosa (2019) quando afirmam que quando o acadêmico é introduzido no cotidiano da escola, ele tem a oportunidade de participar dos contextos de aprendizagens e ao mesmo tempo propor estratégias que podem contribuir para o desenvolvimento dos alunos da Educação Básica. A permanência do residente na escola o ajudou a refletir sobre as questões teóricas repassadas pela Instituição de Ensino Superior – IES, efetivando uma ponte entre as duas (escola e universidade) conforme afirmam Scheid; Soares; Flores, (2009).

Lançando outro olhar, também foram percebidos alguns entraves segundo a avaliação dos residentes em relação ao aprendizado dos estudantes, o mais comum e crucial foi a deficiência na leitura e na escrita. Desse modo, Mota et al.(2018) apontam o PRP como forma de trabalhar esses aspectos e, assim, se alcançar as duas faces do ensino, ou seja, os acadêmicos experienciaram a docência, atuando como educadores e a discência exercendo suas funções na sala de aula sob as

orientações do preceptor. Nesse contexto, Giglio (2010) sinaliza que esse contato do residente com a escola de Educação Básica estabelece o elo entre a formação inicial e a continuada, ambas essenciais para a identidade do profissional licenciando.

Considerando os fatores acima mencionados no que concerne à atuação dos residentes no programa, se fez necessário também trazer à tona algumas considerações a respeito da percepção dos Docentes Orientadores, assim como uma reflexão das autoras deste texto a partir da suas vivências no PRP.

O PRP NA VISÃO DAS DOCENTES ORIENTADORAS

Foi consenso entre os Docentes Orientadores (DO) do Subprojeto de Língua Portuguesa da UNEAL, que o Programa Residência Pedagógica trouxe uma proposta de fortalecimento tanto das licenciaturas quanto da Educação Básica, proporcionando ao acadêmico a oportunidade de vivenciar o chão da escola em um período de permanência, que lhe possibilitou conhecer os desafios que ela enfrenta nos seus mais variados aspectos. Por outro lado, os alunos foram agraciados com aulas dinâmicas que os convidaram à participação, promovendo assim um aprendizado mais eficiente e mais prazeroso.

No entendimento das DO o apoio financeiro concedido por meio da bolsa e gerenciado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), foi um importante incentivo para todos os segmentos do programa (Docentes Orientadores, Preceptores e Residentes), em particular para estes últimos, pois alguns deles são oriundos de famílias de baixa renda. Assim, eles sentiram-se valorizados e estimulados a participar das atividades que foram propostas na escola-campo e também propondo outras ações como contribuição para o processo de ensino e aprendizagem. Esse recurso também possibilitou a aquisição de equipamentos como o *notebook*, por exemplo, sem o qual os mesmos não teriam condições de comprar.

Nesse ambiente estimulante as DO ressaltaram a relevância da imersão do residente no contexto escolar, uma vez que é nela que ele se aprofunda na realidade da escola-campo, acompanhando e analisando a organização do trabalho pedagógico do professor preceptor, para a partir dele traçar seus próximos passos. Silvestre e Valente (2014) falam exatamente isso, explicando que conhecer como a escola se organiza, os aspectos que envolvem a sua rotina implicam diretamente

nas decisões pedagógicas que precisam ser tomadas. Esse fato foi interessante porque contribuiu para a qualidade da aula desde o planejamento até sua execução, daí se explica a recepção calorosa dos estudantes para com os residentes.

Outra questão que foi apontada em reuniões de DO foi a integração que existe entre os segmentos do programa, ou seja, ele se desenvolve em uma cadeia de ações: Coordenador Institucional, Docentes Orientadores, Preceptores e Residentes todos trabalhando pelo mesmo objetivo: melhorar a qualidade do ensino. Cada um compartilhando os saberes que lhe são próprios, contribuindo com a aprendizagem dos alunos da Educação Básica. Dessa forma, várias ações foram expressas através da cooperação, interação, partilha, afetividade, compromisso e responsabilidade.

Assim como os residentes, as Docentes Orientadoras também expuseram seus pontos de vista sobre a dualidade teoria/prática, uma vez que para ser um professor autêntico não se pode separá-las, isso significa dizer que, não há teoria sem prática e vice-versa. Quando elas são dissociadas o ensino fica deficiente, pois só com a teoria as aulas ficam monótonas e só a prática elas ficam esvaziadas de fundamentação. Pensando assim, é que a teoria e a prática se constituem “justamente um dos aspectos mais importantes em relação à formação docente que é proporcionar ao aluno oportunidades para que desenvolva a capacidade de relacionar teoria e prática docente” (Panutti, 2015, p. 86).

RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA: EXPERIÊNCIAS VIVENCIADAS PELAS DOCENTES ORIENTADORAS

O Programa Residência Pedagógica foi implantado pela Universidade Estadual de Alagoas/UNEAL em 2018 conforme menção feita no início deste estudo. Nesta época uma das pesquisadoras foi convidada pelo Docente Orientador titular do subprojeto de Língua Portuguesa para desenvolvê-lo juntas. Ela aceitou na condição de Docente Orientador colaborador, tendo em vista que não havia bolsas suficientes para todos, e assim caminhamos nas três edições do Programa.

Durante todos esses anos vivenciamos, como participantes ativas, muitas experiências de ensino e aprendizagem que merecem ser registradas. Na primeira edição, o subprojeto foi desenvolvido em três escolas todas estaduais: Escola de Educação Básica Costa Rêgo que oferece o Ensino Médio, Escola de Educação

Básica Adriano Jorge com turmas do 5º ao 9º Ano e a Escola de Educação Básica Manoel Lúcio da Silva que oferta do 6º ao 9º Ano e Ensino Médio.

O subprojeto foi realizado com muito êxito em todas as escolas, mas houve uma situação na Escola de Educação Básica Costa Rêgo que chamou a atenção tanto da própria instituição quanto da universidade. Em uma sala do 1º Ano havia uma aluna que não participava das aulas, sentava sempre atrás e permanecia quieta o tempo todo. As residentes observaram o comportamento pouco comum da aluna e perguntaram à preceptora porque ela não participava das atividades. Para surpresa das licenciandas a professora explicou que a menina era surda e como ela (a preceptora) não sabia a língua de sinais não tinha como interagir com a estudante.

A partir desta constatação as residentes elaboraram um projeto de intervenção, mobilizaram toda a escola e o curso de Letras, convidaram o professor de Libras da universidade e prepararam os estudantes que eram mais próximos da aluna para ajudá-la a participar na medida do possível das aulas e até mesmo a preceptora se esforçava para fazê-la entender através de alguns gestos. No final do subprojeto esta estudante já demonstrava mais engajamento e participação nas aulas, não se pode dizer que ela interagiu totalmente, mas não ficava mais inerte na sala. Nas outras escolas também foram executados trabalhos muito bons através dos quais os resultados de melhorias foram visíveis.

Na segunda edição novamente foram contempladas as escolas: Escola de Educação Básica Adriano Jorge com turmas do 5º ao 9º Ano, Escola de Educação Básica Manoel Lúcio da Silva que oferta do 6º ao 9º Ano e Ensino Médio e a Escola de Educação Básica Aurino Maciel direcionada para alunos do 5º ao 9º Ano.

Esta edição foi bastante prejudicada em relação à atuação dos residentes por causa da pandemia, como é do conhecimento de todos para não fechar as escolas a Secretaria de Educação do Estado decretou o ensino remoto. Esse modelo de ensino foi muito difícil tanto para os alunos quanto para os professores. Para os primeiros porque a maioria não tinha internet ou mesmo aparelhos celulares para acompanhar as aulas, para os segundos, porque muitos não sabiam manusear as ferramentas tecnológicas necessárias para a transmissão das aulas. Essa situação provocou muita angústia e mal-estar principalmente nos professores diante da incapacidade de lidar com a tecnologia, tendo em vista que a maioria deles não fazia parte dessa geração midiática. Em vista disso os residentes tiveram pouquíssimo

contato com os alunos, e, portanto, não conseguiram experimentar a docência na íntegra.

Entretanto, mesmo com todos esses desafios ainda constatamos que a experiência no PRP proporcionou aprendizagens valiosas, pois os planejamentos com os preceptores e as formações nos encontros com as Docentes Orientadoras foram ricos em conhecimentos. De modo que os residentes tiveram uma visão da docência embora que teórica.

A versão atual foi desenvolvida na Escola Estadual de Ensino integrado à Educação Profissionalizante Professora Izaura Antônia de Lisboa e na Escola Estadual Professor Pedro de França Reis com o Ensino Médio, Escola Estadual Adriano Jorge abrangendo do 6º ao 9º Anos, A Escola Estadual Aurino Maciel com o ensino fundamental e a Escola Estadual Lions Club com o ensino médio.

A proposta do Subprojeto de Língua Portuguesa foi trabalhar com a gamificação analógica, metodologia que deu certo, segundo depoimento dos residentes os alunos demonstraram muito interesse nas aulas e foram bastante receptivos a todas as atividades que os acadêmicos propuseram. Muitos foram os relatos tanto dos preceptores quanto dos residentes a respeito dos avanços observados a partir da imersão dos licenciandos na escola, pois sabemos que a deficiência em leitura, escrita, interpretação e produção textual são generalizadas, principalmente no Nordeste. Com as atividades realizadas pelos acadêmicos esses problemas não foram sanados, mas ficaram bastante atenuados.

Enfim, as três edições do PRP foram exitosas e deixaram marcas em todos os sujeitos que fizeram parte dele, embora os maiores beneficiados tenham sido os residentes e os alunos da Educação Básica, porém, os preceptores e as docentes orientadoras também tiveram sua parcela de aprendizagem. Isso porque participar desse programa requer estudo, pesquisa e busca por inovações, contribuindo assim para o crescimento intelectual de todos.

E nesse requisito podemos assegurar que saímos do programa com um acervo de conhecimentos bastante elevado, conseguido por meio das pesquisas e pelas experiências compartilhadas com residentes e preceptores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante todo o trajeto das três edições do Programa Residência Pedagógica, observamos que as ações desenvolvidas têm cumprido a função idealizada para

cada uma. Algumas causam mais impacto no cotidiano das escolas-campo outras menos, mas sempre deixam a sua marca em todos os envolvidos.

Constatamos que a concessão da bolsa é determinante para a manutenção do residente no programa, tendo em vista a carência financeira que predomina em grande parte dos estudantes da UNEAL, principalmente aqueles que residem nas cidades circunvizinhas. Outro fator bastante mencionado pelos preceptores e acadêmicos é o aprimoramento de suas habilidades como professores e futuros docentes, fortalecendo seus conhecimentos e proporcionando-lhes segurança no trato com a sala de aula.

Não podemos negar a importância dos aspectos citados acima, porém, em nossa opinião os alunos da Educação Básica usufruem da maior vantagem, pois segundo as afirmações dos residentes alguns estudantes constatados com dificuldades de escrita no início da Residência demonstram um avanço significativo. Outros conseguem vencer a timidez através dos jogos desenvolvidos, se mostrando mais à vontade quando solicitados a participar.

Por fim, participar do Programa Residência Pedagógica é muito gratificante sob vários aspectos. Dentre eles citamos: o conhecimento adquirido e o trabalho colaborativo realizado, todos muito envolvidos e comprometidos com o programa, salvo raras exceções.

REFERÊNCIAS

GIGLIO, Célia Maria Benedicto. Residência Pedagógica como diálogo permanente entre a formação inicial e continuada de professores. In: DALBEN, A. et al. (Org.). **Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, v. 1, p. 375-392.

MOTA, Aislânia da Silva et al. Residência pedagógica: uma contribuição para a formação inicial de professores. **Anais: VII ENALIC – Encontro Nacional das Licenciaturas**. Fortaleza-CE: p. 01-09. 2018.

PANUTTI, Máisa Pereira. A relação teoria e prática na Residência Pedagógica. **Anais: XII Congresso Nacional de Educação**. Curitiba-PR: 2015, p. 8433-8440.

SANTANA, Flávia Cristina de Macêdo; BARBOSA, Jonei Cerqueira. A relação universidade/escola e o Programa Residência Pedagógica/subprojeto de matemática: estratégias de poder e modos de subjetivação. **Revista Sergipana de Matemática e Educação Matemática**, Sergipe: v. 4, n. 2, p. 1-24, 2019.



SCHEID, Neusa Maria John; SOARES, Briseidy Marchesan; FLORES, Maria Lorete Thomas. Universidade e Escola Básica: uma importante parceria para o aprimoramento da educação científica. *R. B. E. C. T.*, v. 2, n. 2, mai./ago. 2009.

SILVESTRE, Magali Aparecida; VALENTE, Wagner Rodrigues. **Professores em Residência Pedagógica**: Estágio para ensinar matemática. Petrópolis: Vozes, 2014.